

TEORIA DOS VALORES E FILOSOFIA DA HISTÓRIA EM NIETZSCHE

João Alfredo de Sousa Montenegro

1. Em NIETZSCHE são indissociáveis a Axiologia e a Concepção da História.

Isso parece de logo evidente a quem tem presente na mente a portentosa revolução empreendida pelo filósofo alemão no campos dos Valores.

Aí reside o eixo de sua obra sumamente renovadora do pensamento ocidental.

Porque, indiscutivelmente, ele é o introdutor de uma tematização da Axiologia, antes diluída no meio dos conceitos e das categorias ontológicas ou epistemológicas. O que muito favorecia o ocultamento de embasamentos ideológicos no meio do pensamento **puro**.

Valendo-se de uma perspicácia psicológica genial, ele desce fundo nas motivações obscuras ou encobertas dos sistemas filosóficos, detectando na razão universal algo mais que a armadura conceitual "descomprometida".

Daí que, no meio da crítica demolidora que empreende descobre as projeções do Poder, dos interesses de grupos sociais, determinando as inflexões do saber ou dos sabores.

Tal representa um considerável alargamento dos fatores condicionantes do conhecimento em geral, sendo ele um dos grandes precursores da chamada Sociologia do Conhecimento, juntamente com MAX SCHELER e MARX, possibilitando o estabelecimento de correlação funcional e necessária entre os saberes e a realidade social.

NIETZSCHE se inclui entre os filósofos que fundam o valor na subjetividade, mas de uma forma que o torna desvinculado, segundo pensa, dos valores coletivos, daqueles vigentes num determinado momento de uma determinada sociedade global.

Nisso, segundo a crítica generalizada, incidiu em enganoso julgamento, pois impossível ao sujeito, por mais elevada que seja a transcendência a que chegue, evitar o envolvimento do mundo, da circunstância, dos valores secularmente consolidados.

Tem-se, nesse ponto, ensejo para comparação entre a subjetividade Husserliana e a Nietzscheana.

Enquanto a primeira, mediante a categoria intersubjetividade e a *Lebenswelt*, visualiza o sujeito de certo modo condicionado pela cultura, ao mesmo tempo que disciplina a apreensão rigorosa do objeto através do processo de constituição transcendental, a segunda, pelo contrário, resvala no arbítrio da postura demolidora que não se preocupa em construir.

Trata-se de um subjetivismo que não aceita os valores objetivos e que, em última análise, se funda num vitalismo, que preconiza o livre curso à vontade do poder, algo profundamente enraizado no instinto de conservação.

Acentua, portanto, o primado do instintivo, do biológico, daquilo que emerge da vida orgânica do sujeito, sobre o racional.

Eis que profligra os grandes sistemas metafísicos, produtos do racionalismo inaugurado com Platão e que longe estão de socorrer às necessidades próximas do homem, pela abstração generalizante, pelo conceptualismo enervante em que se enredam, indiferentes às situações concretas da vida.

O vitalismo em NIETZSCHE é correlativo do elitismo.

Pela exteriorização da vontade de poder, impõe-se naturalmente o princípio de seleção, segundo o qual os homens fortes, que valorizam espontaneamente os seus instintos, põem-se acima do vulgo, da multidão.

Nessa posição, podem desprezar a norma abstrata que disciplina um tipo de homem igualmente abstrato.¹

Elas colocam-se acima do bem e do mal.

Adotam um código de valores paradoxais, resultado da revolução axiológica que enceta, não se podendo julgá-los pelos critérios tradicionais.

A consequência disso é que os super-homens, porque portadores do Código em sintonia com a "transmutação de todos os valores", detentores da mais elevada vontade de poder, terão o encargo da "grande política", a da efetivação da Vida na comunidade humana. O que significará a mais importante mutação histórica de todos os tempos.

Atingindo esse ponto, não mais estarão os homens a serviço dos "valores", degradados, alienados, mas, ao contrário, integrando os novos valores à Vida, subordinar-se-ão apenas à vontade de potência, colocando-se acima do bem e do mal. Mesmo porque tomam consciência de que, no fundo, as filosofias, os sistemas de pensamento, a pretexto de desenvolverem a premissa de uma razão absoluta, os fundamentos da verdade universal, válida para todos os tempos, justificam situações de poder, de domínio de umas pessoas sobre as outras.

Sempre acostado à expressão valorativa, NIETZSCHE tece uma visão da História que, de modo algum, se apresenta sistemática.

Como a maior parte de sua obra, não emerge aqui a reflexão pretendida

¹ Nietzsche, *Par delà le bien et le mal*, Aubier, Paris, 1951, pp. 15-17.

de Longa investigação, do recolhimento de abundante material, capaz de propiciar interpretações seguramente fundadas.

O que se destaca, então, é uma argúcia genial, uma intuição surpreendente, uma penetração psicológica, como poucas, produzindo uma filosofia da história cujo núcleo é a idéia do eterno retorno, um aperfeiçoamento da concepção cíclica da história dos gregos.

O ponto de partida do inquieto filósofo alemão é, nesse ponto, "a crise contemporânea".

Na verdade, ele começa por criticar os valores tradicionais vigentes na cultura européia.

Dessa análise crítica detecta a inconsistência de todos eles, desde as primeiras elocubrações de SÓCRATES, e passando pelo Cristianismo, até os dias da crise da Filosofia e da Ciência dos seus dias.

Nesse passo, convém salientar duas atitudes fundamentais do filósofo em objeto.

A primeira é que, com a tematização da vontade de poderio, o conhecimento pelo conhecimento, a verdade pela verdade, descolados dos condicionamentos históricos, insensíveis às manifestações de poder, de domínio, na sociedade global, perde, pela primeira vez e de modo substancial, o prestígio absoluto que desfrutava.

É que NIETZSCHE psicanalizou por assim dizer as motivações políticas profundas do pensamento, fazendo pioneirismo na revelação das suas vertentes ideológicas, a serviço de grupos, de organizações de poder, predisposto, portanto, para a ação.

Nisso foi um precursor da práxis em relação dialética com o conhecimento, e inserido diretamente no desempenho histórico.

A segunda atitude traduz o modo como vê o Cristianismo.

Não há dúvida que aqui se apresentou como o precursor de FUERBACH e de MARX no entendimento de que a crítica da sociedade deve ser precedida da crítica da religião.

NIETZSCHE considerava o Cristianismo como resultado do ressentimento, como sublimação da fraqueza e da impotência dos fracos, dos submisos.

Naturalmente que, nesse ponto, sofreu a influência de um tipo de Cristianismo, o da sociedade de seu tempo, profundamente marcado pela herança feudal.

Nele, com efeito, se viam práticas e concepções que nada ou quase nada conservavam do impulso criador e original contido na Bíblia, no Novo Testamento.

Longe estava de sublinhar uma historicidade inerente a ele, expressa num processo, o da História da Salvação, que foi o núcleo originário de uma

concepção da História dinâmica, ascendente, que trouxe a idéia do progresso, após a laicização do Cristianismo no pensamento ocidental a partir de DESCARTES.

Eis que o filósofo em foco, porque não tenha assestado as suas críticas sobre o Cristianismo na sua essência bíblica e sim sobre o Cristianismo sociológico, falhou, a nosso juízo, na crítica à religião. Apenas, como se viu, teve excelente intuição ao estabelecer a prioridade nessa crítica. Mormente se se registra que toda a postura do seu pensamento é de natureza axiológica.

É que se tem aí, no Cristianismo, a fonte primeira e maior da formação dos valores da civilização européia.

As mesmas filosofias que se levantam contra eles deitam raízes no que têm de mais essencial.

Assim, evidencia-se que NIETZSCHE confundiu um Cristianismo recondicionado pela visão e pelas categorias do pensamento grego, sobretudo através de Platão, de Aristóteles e de Plotino, e pela cultura do feudalismo.

Daí vem que se encontrava tolhido por uma razão formalizante, absoluta, que paralisava a vida, a cultura, a civilização, a práxis social, tornando um ser passivo o homem, imerso em situações opressivas e paralizantes.

Não acreditando, porém, no Cristianismo, fecundando a Sociedade global e a História, e promovendo o homem, inclinou-se para a exaltação da visão grega pré-socrática, rotomando à sua maneira a idéia do eterno retorno.

2. Eis aí a idéia central da concepção historiosófica de NIETZSCHE: a do eterno retorno.

De início, cabe um esclarecimento necessário.

Por ser o pensamento do inquieto filósofo caracteristicamente dispersivo, no sentido de assistemático, atemático, quase diria, constituído que é de clarões geniais marcados por extraordinária intuição psicológica, nisso permanecendo sem preocupação de um desdobramento conceitual, a dita concepção do eterno retorno não marca assim uma posição definitiva numa ordenada Filosofia da História.

Explica-se muito bem LÉON DUJOVINE:

“pero Nietzsche, uno de los promotores de la teoría dos valores, no elaboró una ordenada doctrina axiológica sobre la que pudiera fundarse una interpretación de la historia, y tampoco logró presentar la historia como un proceso de realización, o al menos, do descubrimiento de valores, de modo que en cada período histórico se viera el predominio de alguno ou algunos de esos valores, o la sistemática congruencia de varios de ellos o de los bienes que los encarnarian.”²

² Teoría de los valores e filosofía de la historia, Editorial Paidós, B. Aires, 1959, p. 187.

Quer dizer: ele não associou valores concretos, culturais, à emergência de civilizações ou à caracterização de períodos históricos.

A idéia de eterno retorno já o indica, enfatizando a reversão periódica do existente, do que já existiu, contrariando a singularidade, a univocidade, a irreversibilidade do fato histórico e das situações estruturais, conjunturais onde se produz.

Como a descreve?

Aquilo que chama de "força total" tem uma medida **determinada**, mas sem ser infinita.

Aliás, considera o conceito de "infinito" extremamente perigoso.

"Conseqüentemente, o número das situações, alterações combinações e desenvolvimentos dessa força é, decerto descomunadamente grande e praticamente imensurável, mas em todo caso, também determinado e não infinito. O tempo, sim, em que o todo exerce sua força, é infinito, isto é, a força é eternamente igual e eternamente ativa: até este instante já transcorreu uma infinidade, isto é, é necessário que todos os desenvolvimentos possíveis já **tenham estado aí**. Conseqüentemente, o desenvolvimento deste instante tem de ser uma repetição, e também o que o gerou e o que nasce dele, e assim por diante, para a frente e para trás! Tudo esteve aí inúmeras vezes, na medida em que a situação global de todas as forças sempre retorna. . . Parece que a situação global forma as **propriedades** de modo novo, até nas mínimas coisas, de modo que duas situações globais diferentes não podem ter nada de igual.³

Tem-se aí uma concepção cíclica da História, de raízes gregas.

Ela sempre estava presente na Grécia clássica, compartilhando de concepção mais lata sobre o mundo.

A força inexorável do destino, o fatalismo a despontar a cada passo da tragédia de um Ésquilo, de um Sófocles, já é uma demonstração clara daquela concepção.

Não sem razão NIETZSCHE escreveu uma obra sobre a tragédia. . .

Mas, ao que parece, não reproduz ele *ipsis literis* dita concepção cíclica da História.

Como se vê ao final da citação retro, não preconiza ele uma mera repetição no futuro do que já ocorreu no presente e do que está ocorrendo no presente.

Mesmo porque tem uma visão de conjunto, o sentido de **estrutura**, expresso mediante a "situação global", estrutura que integra o conceito operacional nuclear da moderna Teoria da História. Naturalmente não de maneira estilizada e tematizada ao nível epistemológico hoje atuante, mas de forma de aguda e solta intuição.

³ Friedrich Nietzsche, "Obras Incompletas", Abril Cultural, 1974, p. 395.

Assim, captou ele, embora incipientemente, o sentido de certa renovação histórica, a partir de conjuntos, como a Civilização, a Cultura.

Considere-se ainda o pressentimento que sentiu de princípios ativos ou de fatores determinantes da História, ao falar em "forças".

Com a idéia do eterno retorno, NIETZSCHE coroa toda a sua obra, aparentemente sem unidade, desconexa.

Porque é neste ponto que o grande filósofo logra unificar todos os seus escritos.

Então, atinge aquele ponto em que História e Valores estabelecem um fundamento, um critério perene para o filosofar.

Com isso é superado o nihilismo.

A partir desse momento, já não se pode acusar o inquieto pensador de nihilista.

Eis o que diz JEAN GRANIER a propósito:

"L'idée du Retour opère, en effet, la **synthèse du devenir et de la valeur** qui marquée la victoire définitive sur le Nihilisme."⁴

No fundo, apresenta-se na idéia do eterno retorno guia supremo da realização mais aperfeiçoada da vontade de afirmação absoluta, que representa a mais perfeita adesão aos fatos, à vida, ao devir.

Tal traz implícito a valorização da imanência, do terreno.

Esta, com efeito, a afirmação do SER.

⁴ Le problème de la Vérité dans la philosophie de Nietzsche, Du Saulil, Paris, 1966, p. 561.